



## HÁ EM CADA POETA A NUDEZ DA POESIA

### Célia Sebastiana Silva<sup>1</sup>

*Escritas*

Autor: Rogério Luz

Goiânia: Editora UFG, 2011. 160p.

*Águas de Claudel*

Autor: Edmar Guimarães

Goiânia: Editora UFG, 2011. 88p.

Borges, ao discorrer sobre o credo do poeta, diz que o fato central de sua vida foi a existência das palavras e a possibilidade de tecê-las em poesia. Isso vale tanto para o escritor quanto para o leitor. Para os que comungam o apreço por esse gênero, na proposta borgiana, a Editora da UFG publica dois livros de poemas e, embora não se possa precisar ao certo qual é o credo dos poetas aqui apresentados – Rogério Luz e Edmar Guimarães –, é inegável a habilidade com que elaboram a trama desse tecido poético em *Escritas* e *Águas de Claudel*, respectivamente.

A respeito de *Escritas*, de Rogério Luz, os versos “Nada anterior à palavra não há –/ no princípio era o verbo é um bom princípio” (p.53) são emblemáticos para principiar algumas considerações sobre o livro. As “escritas” do poeta valem-se do verbo para sobre o próprio verbo se dobrar, o que mostra uma presença ativa

<sup>1</sup> Doutora em Literatura pela UNB e professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG.

da consciência de linguagem. Essa consciência não perpassa tão só uma poesia da poesia, mas se abre para o horizonte mais vasto da problemática da comunicação pela palavra escrita ou falada. E, ao evidenciar, em seus poemas, a voz, o dizer, o verbo em toda a sua amplitude, o poeta esbarra no limiar mais ecoante da palavra: o silêncio. “Para falar te bastem/ nódulos de silêncio –” (p.63) ou no poema “L” (p.105), em que o poeta reitera a voz silenciosa do corpo sobre a “língua ferina” para dizer o “tumulto das coisas/ na exata vida vária// da alma desmedida”. O ato poético se completa à medida que a palavra supera-se a si mesma e os espaços vazios dos poemas são preenchidos pelo silêncio. “As coisas são o modo de calá-las/ silenciar as coisas é um modo de dizer o sopro diáfano/ que atravessa a palavra mais concreta” (p. 55). Percebe-se, também, em *Escritas*, que o poeta inscreve, na sua dicção poética, um compromisso não só com a estética do seu tempo, mas também com o tempo histórico (como propõe Eliot, ao se referir à tradição e ao talento individual). Nessa constante reflexão sobre o sentido da palavra, trava um diálogo com a tradição, seja a literária, a filosófica, a religiosa, e até a da cultura oral. Parodiando o provérbio “Faça o que digo, não faça o que faço”, o poeta, em versos curtos, no estilo das trovas populares, como ocorre em outros poemas do livro, diz:

Não faça o que digo –  
o que faço é dizer  
o verbo inimigo  
morto ao amanhecer.

Não faça o que faço –  
se falo, silencio  
minha voz, espaço  
sob um céu vazio. (XXXII, p.69)

Esse poema ainda revela outra marca cara à modernidade literária e recorrente nos poemas de Rogério Luz: a ironia, que exprime o olhar crítico do poeta sobre si mesmo e sobre a sua poesia. Fruto desse olhar crítico é o reiterado foco em coisas e animais contrapondo-se à voz humana, sobretudo à voz do poeta. E, ainda, negando, afirmando, ironizando ou homenageando, é possível ler, nos poemas de *Escritas*, ecos, os mais variados, como os de Murilo, Cabral, Pessoa, Rimbaud, Benjamin, Heidegger, Heráclito. Exemplar nesse sentido é a invocação do verso “Há em cada canto de minha alma um altar a um deus diferente”, de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos), no poema “Passagem das horas”, ao intertextualizar: “Serve a linguagem, dizem,/ a dar sentido às coisas –// não se alçariam a tanto os animais.// Selada voz sem meta ou serventia/ agora entende o poeta:// há em cada animal/ a nudez da poesia” (p.57). Ou à ideia heideggeriana de que “a linguagem é a morada do ser” e à heraclitiana de que “nenhuma água passa duas vezes sobre o mesmo rio”, expressas nestes versos: “Tua morada, a linguagem, dizem/ é tua pátria – ora, // (...)// quando o tempo que se grava já se apaga/ o mesmo rio seca duas vezes” (p.79).

Em *Águas* de Claudel, de Edmar Guimarães, as epígrafes iniciais de Orides Fontela (“O movimento das águas/ é caminho inconsciente/ mutação contínua/ nunca terminada.”) e Cecília Meireles (“Se desmorono ou se edifico/ se permaneço ou me desfaço/ – não sei, não sei. Não sei se fico/ ou passo.”) são pistas significativas para se chegar ao mote central dos poemas que compõem o livro: a fluidez do ser, a “mutação contínua” da vida. Recorrendo às metáforas da água e da estátua, esse livro de poemas mostra a inconstância da vida que aplaca o homem na busca do “caminho vital de si mesmo”. Mantendo, como em outras de suas obras, um projeto estético em que apresenta uma consciência aguda no trato verbal, na construção formal, na imposição do estilo, o poeta centra-se em um jogo de tensões, sustentado na ideia de permanência e desfazimento, expresso pelos já citados elementos água e estátua. “A estátua agrava/ o que é vago./ Quando de água/ escava inda mais a falta –/ mil mãos de cascatas” (p.11). “Formas impalpáveis/ da água e dos dias,/ num instante, estátuas;/ noutro fugidias” (p. 27). E é nesse movimento que o poeta vai esculpindo em palavras, com entalhes bastante lúcidos, o corpo da amada (“Recipiente”, “Infinitude”), uma fotografia (“O vazio”), uma nascente (“Trilha”), um barco na secura do cerrado (“Barco a seco”) e o próprio cerrado que, com seus “caules tortos do campo”, resulta em “estátuas decrépitas”. Contrapondo-se ao aspecto plasmável da vida, das coisas, do mundo, está a fixidez do olhar do poeta que tudo capta e vai dando forma às palavras, de modo a tornar o significante tão visível quanto o significado. É o que se lê no poema “Água-forte em relevo”:

Casas caladas em branco.  
A cidade, gelo sujo.  
Por certo a chuva doente,  
a nuvem, ou foi só tempo...  
O inverno lavou o verde  
enxugando-o nos gravetos.  
Agora faz sol  
com os mesmos efeitos. (p.71)

O aspecto fugidio, fluido, inconstante do movimento das águas vai do mais amplo ao mais restrito (como faz ao se referir ao mar e ao cerrado ou ao Rio Vermelho), do coletivo (como em “Casas”) ao individual, sem que isso logre significação universal. Esse caráter fluido reflete-se também na construção poética, de modo que, em alguns poemas, não é dado ao leitor o perfil exato, o contorno nítido. Cabe uma imersão, sem intenção de esgotamento, no enigma verbal cifrado no discurso de Edmar Guimarães, que combina inteligência e paixão na medida, sem transbordamento.

Marcados pela lucidez crítica e por uma aguda consciência criadora, esses dois poetas se afirmam com vozes bastante singulares em suas produções e, cada qual a seu modo, revelam um universo poético particular. Enfim, pode-se dizer que, à parte os códigos, as cifras, as intenções, cada poeta apresentado coloca a nu a poesia.